

A trajetória de Eloy Benedicto Ottoni: aspectos do exercício da medicina no Brasil do século XIX a partir de uma trajetória individual

Eloy Benedicto Ottoni's path: aspects of the practice of medicine in 19th-century Brazil based on an individual case

Jean Luiz Neves Abreu¹

Resumo: O artigo analisa a trajetória de Eloy Benedicto Ottoni, médico natural do Serro e oriundo da família Ottoni, que se formou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Buscamos analisar os aspectos que marcaram sua trajetória, procurando compreender os fatores que exerciam influência sobre a carreira médica do século XIX. Dessa forma, analisaremos algumas práticas que o médico utilizou para se legitimar na sociedade da época, tanto em relação aos seus colegas de ofício, quanto à sua clientela.

Palavras-chave: Eloy Benedicto Ottoni, carreira médica, medicina, século XIX.

Abstract: This article analyzes the path of Eloy Benedicto Ottoni, a physician born in Serro and from the Ottoni family, who graduated from the Rio de Janeiro School of Medicine. We seek to analyze the aspects that marked his path, seeking to understand the factors that influenced the medical career in the 19th century. In this way, we will analyze some practices that he used to legitimize himself in the society of the time, both in relation to his colleagues and his clientele.

Key words: Eloy Benedicto Ottoni, medical career, medicine, 19th century.

¹ Doutor em História pela UFMG. Docente do Instituto de História, da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: jean.abreu@ufu.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0500-6287>.



O nome do médico Eloy Benedicto Ottoni figura entre as efemérides mineiras do século XIX. Apesar das referências ao seu nome em dicionários biográficos do Oitocentos, publicados entre fins século XIX e início do século XX, não há referências na historiografia recente acerca desse médico. No entanto, o levantamento de informações em periódicos e outros impressos, indicam aspectos relevantes de sua trajetória como médico.

Adotando uma abordagem indiciária que busca pistas a partir do nome próprio e o articula ao “tecido social em que o indivíduo está inserido” (GINZBURG e PONI, 1989, p. 175); este artigo propõe examinar os aspectos que marcaram seu percurso, trazendo à tona dimensões de sua trajetória que contribuem para lançar luz sobre os fatores que exerciam influência sobre a carreira médica do século XIX. Desse modo, espera-se chamar atenção para especificidades de sua atuação e, ao mesmo tempo, identificar em que medida o exercício do ofício da medicina obedecia a determinadas características da profissão de médico naquele contexto. Cabe observar, desde o início, que não se propõe uma biografia do médico, e, sim, compreender os elementos relativos à sua atuação profissional. O texto busca dialogar com outros trabalhos na historiografia, que têm contemplado o perfil socioprofissional dos médicos e estratégias individuais mobilizadas em torno de suas trajetórias (NOGUEIRA e PIMENTEL, 2021; PROENÇA, 2021; COSTA, 2018; DANTAS, 2017; CORADINI, 1996).

A abordagem proposta leva em consideração os aspectos do campo científico onde o indivíduo se insere, os parâmetros externos (contexto intelectual, político, institucional, social) e os relacionados à “superfície social” do indivíduo estudado (CHRISTINE, 2001, p. 1-36). No que concerne ao campo científico, os estudos de Coradini sobre a elite médica no Brasil, fundamentados nas análises de Bourdieu, chama



atenção para dois polos a serem observados na interpretação da carreira médica:

De um lado, determinantes associados mais diretamente ao capital escolar ou científico, com seu *ethos* e suas regras próprias, e correlações com origens e trajetórias sociais que predispõem a estratégias de investimentos orientadas nesse sentido. De outro, princípios de legitimação e hierarquização decorrentes não tanto do capital escolar, mas sobretudo da origem e posição social e respectivas relações com a cultura dominante e o poder (econômico, político, cultural etc.) (CORADINI, 1996, p. 428).

600

Neste sentido, a carreira médica no Oitocentos estaria tanto atrelada aos aspectos próprios do capital escolar – a exemplo do exercício da clínica e publicações acadêmicas –, quanto a outros fatores, como a origem familiar, redes de relacionamento ou funções ligadas ao Estado (FIGUEIREDO, 2002, p. 212-225; PROENÇA, 2021; COELHO, 1999, p. 89-90). A medicina era, ao lado da engenharia e do Direito, uma das profissões de prestígio no Império que oferecia diversas possibilidades de atuação profissional, não havendo uma homogeneidade entre aqueles que exerciam o ofício (FERREIRA, 1996). Dentre os integrantes desse grupo profissional, pode-se distinguir uma elite médica formada pelos catedráticos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, integrantes da Academia Imperial de Medicina; “médicos que ocupavam os principais cargos da burocracia imperial destinados aos profissionais de medicina”; e que escreviam em “periódicos especializados em questões médicas, e pelos médicos-deputados e os médicos-senadores – muitos dos quais também professores – que têm uma atuação legislativa voltada para as questões referentes à profissionalização da medicina” (EDLER, 2014, p. 25).

Em torno dessa elite gravitavam inúmeros médicos: diplomados que provinham de famílias abastadas e não necessitavam da atividade



clínica para sobreviver; aqueles que exerciam a prática clínica, mas tinham outras fontes de renda e, por fim, médicos que sobreviviam apenas de suas consultas (DANTAS, 2017, p. 43-44). Além disso, há que se considerar também os esculápios que exerceram seu ofício longe do ambiente da Corte, atuando em cidades do interior do Rio de Janeiro ou de outras províncias, alternativa ao ambiente extremamente competitivo da Capital do Império (COELHO, 1999, p. 73-75).

Considerar esses pressupostos é relevante para situar a carreira médica de Eloy Benedicto e sua inserção na sociedade Oitocentista. Como buscaremos mostrar, ao mesmo tempo em que algumas características o aproximavam da elite médica do Império, ele se afastava dessa elite por ter exercido medicina em outras províncias, como Minas Gerais e São Paulo. Cabe ainda esclarecer que um estudo dessa natureza está sujeito a muitas lacunas e as fontes pesquisadas apresentam, por vezes, informações fragmentadas. Apesar disso, consideramos os indícios disponíveis para buscar reconstituir a trajetória desse indivíduo e suas relações com o contexto social e profissional da medicina no Oitocentos.

601

De “Ilustre Serrano” a médico

O Dr. Eloy Ottoni provinha de uma família da região do Serro, na Província de Minas Gerais, que ganhou notoriedade no Oitocentos. Era um dos filhos de Jorge Ottoni e D. Rosália de Souza Maia; e irmão de Teófilo Ottoni, deputado geral (1838-1841, 1845-1848, 1861-1863) e senador (1864-1869) por Minas Gerais, e esteve à frente da Companhia do Mucuri, fundando a cidade de Filadélfia (ARAÚJO e SILVA, 2011; DUARTE, 2002), sendo, a partir daí, incluído no rol dos “serranos ilustres”, por Nelson de Sena (SENA, 1905). Era irmão mais novo de Cristiano Ottoni, que se formara em Engenharia; e de



Ernesto Benedicto Ottoni, que também optou pelo curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1845.

Três anos depois, Eloy Ottoni seguia os passos do irmão, obtendo o título de Doutor com a tese *Breves considerações sobre o calor animal no homem*, cuja dedicatória era dirigida aos pais (OTTONI, 1848). A tese procurava explicar as causas pelas quais o homem sempre conservava uma temperatura, fosse nas zonas glaciais ou tórrida. O trabalho em si não trazia nenhuma proposição ou teoria nova sobre o tema, apenas reificando teorias já existentes sobre a questão proposta com base na literatura médica estrangeira. Muitas vezes, a tese a ser apresentada no final do curso de medicina era encarada pelos alunos como uma formalidade, um pré-requisito para formar, conforme determinavam os Estatutos da Universidade (GONDRA, 2004, p. 128-131).

602 Após se formar, Eloy Ottoni teria ido para a Europa, atuando em hospitais em Paris, Londres e Viena. A informação consta da breve biografia escrita por Nelson de Senna, publicada na *Revista do Arquivo Público Mineiro* (SENNA, 1905). De acordo com um anúncio dos serviços prestados por Eloy Ottoni, ele residiu na Europa por um ano, dedicando-se ao estudo das “moléstias nervosas (O PHAROL, ed. 47, 28 abr. 1883, p.1). Trata-se de um dado coerente, já que em 1849, ele se encontrava na cidade de Itabira, em Minas Gerais, “atendendo os moradores do dito lugar” e ainda se prontificava a fazer viagens “mais ou menos longas para qualquer ponto onde se torne útil no exercício de sua profissão (O ULTRAMONTANO, 10 fev. 1849, p. 4).

Não tardaria para que ele retornasse ao Rio de Janeiro, provavelmente com intuito de ampliar seus clientes, dentre outros objetivos que nos escampam. Em 1851, consta que ele atendia na Rua dos Ciganos e, em 1853, no Município de São João do Príncipe, na Freguesia de S.

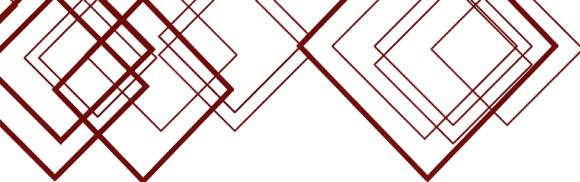


João Marcos (RJ) (ALMANAK ADMIINISTRATIVO, 1851, p. 295; 1853, p. 103). Foi também médico supranumerário do Hospital de Jurujuba (RJ), em 1859, importante instituição da Corte (ALMANAK ADMIINISTRATIVO, ed. 16, 1859, p. 82).

A pesquisa no *Almanaque Laemmert* e nos jornais que circulavam na capital do Império, mostram que uma das principais atividades de Eloy Ottoni foi a clínica. Além disso, sua atuação foi marcada por uma significativa mobilidade, oferecendo nesse período seus serviços em outras cidades e na zona rural. Em 1860, por exemplo, um anúncio no *Jornal do Comércio*, informava que o Dr. Eloy Ottoni podia “ser procurado interinamente na propriedade de Antonio Cornelio dos Santos em Aparecida, Fazenda São Roque, colocando-se à disposição dos fazendeiros e demais pessoas da região” (JORNAL DO COMMERCIO, 10 jan. 1860, ed. 010). Tudo indica se tratar da fazenda São Roque, localizada no Vale do Paraíba Fluminense.

603

A escolha do Vale do Paraíba provavelmente não foi casual, pois tratava-se de uma próspera região produtora de café, que se destacou a partir da década de 1840, atraindo diversos profissionais. Dentre eles, estavam os médicos, sendo comum sua presença em mais de uma cidade, às vezes de forma simultânea. A aproximação da elite rural era uma das formas pelas quais eles buscavam atingir prestígio social (PROENÇA, 2021, p. 119-121). Eloy Ottoni buscava se inserir nesse espaço e ganhar notoriedade. Conforme mencionado, ele atendia como médico de família, ao que tudo indica residindo na propriedade. Mas, também se dispunha a prestar serviços médicos a outras pessoas da região. Tal aspecto era comum a outros médicos que “mesmo trabalhando junto aos grandes proprietários, seguiam atuando em várias modalidades de atendimento e não preteriam uma relação à outra” (PROENÇA, 2021, p. 124).



Após o périplo pelas cidades do interior do Rio de Janeiro, ele foi para a cidade para São Paulo na década de 1860. No *Diário de São Paulo* (n. 469, 8 mar. 1867, p. 4), um anúncio informava que Eloy Ottoni oferecia seus préstimos em seu “escritório”, na rua São Bento, número 70, de 10, às 14 horas; e no restante do dia em sua residência, na rua da Consolação. Em março de 1872, estava à frente de um posto médico, que funcionava por assinatura. No anúncio dos serviços prestados pelo posto, estabelecia-se a diferença dos honorários a serem pagos por assinantes e não assinantes. Por exemplo, um médico operador e botica por assinante custaria por mês, para casa com duas pessoas, três mil réis, já os não assinantes deveriam arcar com dois mil réis por visita ou consulta. A função de médico operador era assumida por Antonio Caetano de Campos e João Thomas de Carvalho. O posto possuía ainda um farmacêutico, que aviava as receitas.

604

Mas quais motivos levaram Eloy Ottoni a deixar de clínica no Rio de Janeiro e ir para São Paulo? Em nenhum documento encontramos essa resposta. Sabe-se que seu irmão mais velho, Ernesto Benedicto Ottoni, fora um influente médico que ganhou notoriedade naquela província, ocupando postos em comissões de saúde relevantes na década de 1850 (referência suprimida para evitar identificar autoria). Mas é difícil precisar se a indicação do irmão exerceu ou não influência sobre sua presença na capital da província de São Paulo. O que se sabe é que sua passagem pela cidade foi marcada por conflitos que envolveram um médico e o padrasto de uma paciente.

“Em defesa da reputação médica”

Em setembro 1867, Eloy Ottoni veio a público e publicou na no *Correio Paulistano* um texto intitulado “O Dr. Eloy Ottoni a seus



colegas e ao público de São Paulo”, para defender sua “reputação médica conquistada a 19 anos”. O caso envolveu a enteada de José Maria Galvão, que estava sob os cuidados do Dr. Balduíno Moura e Câmara, médico que atendia em São Paulo.² A moça, então com 17 anos, era identificada como “idiota”, designação aplicada a diversas doenças físico-mentais no século XIX. Ela apresentava diversos sintomas, tais como suspensão de regras, tosse, ruídos arteriais, sopro no coração, asma e infiltração nos membros inferiores e na face. Após dois anos sob os cuidados daquele médico, que concedeu apenas três dias de vida à paciente, o Dr. Ottoni fora chamado para examinar o caso, apresentando-se e acompanhado dos médicos Paula Souza, e pelo próprio Dr. Moura, como assistente. Ao examinar a paciente, além dos sintomas descritos pelo seu colega, que diagnosticou o caso como uma “asma cardíaca”, o Dr. Ottoni enxergou outros sintomas: som obscuro desde o terceiro passo intercostal até a fossa ilíaca direita; o “útero excessivamente crescido e duro” e ausência quase total da respiração no pulmão direito. Pelos sintomas clínicos apresentados, concluía que se tratava de uma “hepatite sifíltica” (CORREIO PAULISTANO, 29 de set. 1867, n. 3400, p. 2).

605

Diante do diagnóstico apresentado, o Dr. Moura e Câmara prontificou-se a continuar o tratamento, mas foi impedido pelo padrasto da menina, que embora confiasse em seus serviços, não era merecedor da confiança de sua senhora e familiares, convidando o Dr. Eloy Ottoni para assumir o caso. Este, passou, então, a administrar a medicação que considerava mais conveniente ao tratamento, uma “poção tartarizada e levemente laxativa pela adição do maná em lágrimas, sanguessugas ao ânus, ventosas sarjadas ao ventre, fomentações mercuriais” e, posterior-

2 Pelo levantamento nos periódicos de São Paulo, o dr. Moura e Câmara auferiam seus recursos apenas das consultas médicas.

mente, “tintura de iodo em chá de açafrão oriental”, “água de Vichy”, entre outros remédios. O tratamento logrou sucesso, permitindo à paciente dormir noites mais tranquilas e dar passeios a pé. Entretanto, segundo nos informa o próprio Eloy Ottoni, o Dr. Moura continuou a frequentar “a doente como pessoa de amizade”. (CORREIO PAULISTANO, 22 set. 1867, n. 3400, p. 2).

Dante da exposição do episódio à opinião pública, o dr. Câmara também se valeu das páginas impressas para responder ao seu adversário. Sua réplica foi publicada no *Diário de São Paulo* em outubro de 1867. Citando Fenelon – “nossos verdadeiros inimigos estão conosco” –, ele lançava a invectiva contra o Dr. Ottoni com o propósito de conceder-lhe um “desmentido formal”. Segundo apontava, além das calúnias exaradas por tal médico, seu escrito se valia da maledicência, a “arma dos espíritos fracos”. Para fundamentar seus argumentos, ia expor documentos que pretendiam desmentir o seu rival, apresentando a lista de remédios internos e externos aplicados à paciente e os sintomas que a doente apresentava. De forma irônica, questionava ainda as melhorias que o dr. Ottoni imputava ao seu diagnóstico e tratamento: “Então seus serviços foram tão importantes e as melhorias tão notáveis que permitiram a doente dormir noites tranquilas e dar longos passeios! Juro que estou extasiado”. Ademais, alegou a negligência médica por parte de Ottoni e piora do quadro clínico da paciente, razões pela qual foi chamado pela mãe “banhada em prato” e como “amigo de sua casa, que tanto tempo havia tratado de sua filha, tomasse conta dela”. Na mesma edição, Eloy Ottoni publica uma resposta ao seu contendor. Desqualificou os documentos apresentados pelo dr. Câmara, valendo-se do fato de que não eram os conhecimentos médicos dele que fizeram a mãe a requerer a ajuda do dr. Câmara, e sim sua proximidade com a família (DIÁRIO DE SÃO PAULO, n. 641, 6 out. 1867, p. 1-2).



Essas controvérsias expõem não apenas as tensões entre dois médicos, como também indicam as questões que envolviam o tratamento dos pacientes no século XIX. Eram bastante recorrentes as disputas entre médicos nesse período, envolvendo o diagnóstico e tratamento de pacientes, que ganhavam espaço na imprensa do período (SAMPAIO, 2001, p.32-33). Importa recordar que, naquele contexto, os médicos disputavam o mercado não apenas com outros ofícios de cura, que incluíam não apenas os cirurgiões, farmacêuticos, práticos e curandeiros(as) (BOSI, 2007; FIGUEIREDO, 2002), como também disputavam espaço entre si (DANTAS, 2017). Desse modo, fosse em clínicas ou em consultas em domicílio, os médicos tinham que obter a confiança dos pacientes. No Oitocentos, ainda prevalecia um modelo paternalista da relação médico-paciente, em que o tipo ideal de paciente era aquele que aceitava o tratamento imposto pelo médico (KABA, SOORIAKU-MARAN, 2007, p. 59). A despeito disso, havia uma negociação entre as partes, pois os pacientes também escolhiam seu “curador” e não se abstinham de usar serviços rivais, caso o serviço prestado não fosse de seu agrado (BASCHIN; DIETRICH-DAUM, RITZMANN, 2016; BARROUX, 2014).

607

No tocante ao episódio narrado, vê-se que um novo médico foi escolhido em razão de a paciente ter sido desenganada pelo Dr. Moura. Este, entretanto, valeu-se, segundo o próprio fazia questão de enaltecer, da proximidade com a família e suas relações de amizade para, de forma estratégica, recuperar sua paciente. Não era, portanto, a expertise do conhecimento médico que fez com que o dr. Câmera retomasse os cuidados com a paciente, prevalecendo o paternalismo sobre a eficácia do saber médico, pelo que se pode depreender da análise dos textos publicados nos jornais e do próprio discurso do dr. Câmera.

Ao que tudo indica, a exposição na imprensa do ocorrido por



Eloy Ottoni não chegou a prejudicar a imagem do dr. Câmara. Ele permaneceu em São Paulo, prestando seus serviços até 1873. Além das relações familiares, valia-se igualmente de caridade com alguns doentes. Um de seus pacientes, Joaquim de Araújo e Oliveira, fez questão de publicar uma nota de gratidão no *Diário de São Paulo* (29 dez. 1869, ed. 1293, p. 3), pelo “coração caridoso” do médico que operou seu olho direito de catarata.³ Fora a clínica, atuou também em comissões médicas, tendo sido nomeado pelo Presidente de Província para dar parecer sobre as necessidades da Santa Casa de Misericórdia, hospício de Alienados e Hospital dos Lázaros da cidade (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 1 jan. 1870, ed. 1305, p. 1). Quando partiu para a Europa, uma nota na imprensa homenageava o médico, considerado ilustrado, “ameno e familiar trato, de sentimentos paternais para com todo mundo” (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 15 abr. 1873, ed. 2242, p. 3).

608

A discussão envolvendo a enteada de José Maria Galvão não passava apenas pelas controvérsias em torno do diagnóstico e seu tratamento. O não pagamento dos honorários médicos fez com que Eloy Ottoni fosse mais uma vez ao “tribunal da opinião pública”. Em 18 de julho de 1884, o médico publicou um texto pelo *Diário de São Paulo* (DIARIO DE SÃO PAULO, ed. 872, p. 2) no qual informava que fazia 15 meses fora chamado para tratar da saúde de uma órfã “possuidora de uma fortuna considerável”, cujos serviços prestados nunca foram remunerados. Esperava que o litígio, que já se arrastava desde setembro de 1867, fosse resolvido até 1871, ano no qual pretendia se retirar de São Paulo, propondo o pagamento de 1.510.000 réis (CORREIO PAULISTANO, 19 jul., 1868, ed. 3635). Em 1872, ele tentou um novo acordo com Galvão, informando que o fazia em prol dos pobres de Santa Efigê-

³ Cartas como a deste suposto cliente publicadas nos jornais era uma forma de se defender das polêmicas e, ao mesmo tempo, uma forma de se promoverem face à sociedade (SAMPAIO, 2001, p.34)



nia, para quem a quantia seria dada. O acordo previa que cada uma das partes chamassem um médico para ouvir os argumentos e arbitrar a questão. Apesar dos esforços por parte do dr. Ottoni, não houve acordo estabelecido. Diante disso, lamentando que fizera tudo pela “dignidade da classe médica” e por caridade, abandonava o direito que tinha de seus honorários (CORREIO PAULISTANO, 1872, ed. 04704, p. 2).

A questão de pagamento dos honorários, vivenciada por Eloy Ottoni, era bastante comum no século XIX. No Rio de Janeiro, desde a época da Fisicatura-Mor, médicos e cirurgiões não recebiam os pagamentos por suas consultas e assistências aos enfermos (PIMENTA, 2019, p. 112). Nas décadas seguintes, esse problema persistiu e vários os médicos recorreram à justiça para garantir seus rendimentos (DANTAS, 2017, p. 52-87). Tal aspecto, como se viu, fez parte da carreira médica de Eloy Ottoni, que não deixou de manifestar pela imprensa seu desagravo diante da recusa do cliente em pagar seus serviços, apesar de não ter obtido o resultado almejado.

609

De volta à Corte e à Província de Minas Gerais

Em 29 de agosto de 1872, em nota publicada no *Correio Paulistano*, Eloy Ottoni se despedia de São Paulo e daqueles que o honravam com sua amizade, oferecendo-lhes seus préstimos na Corte, onde iria residir (CORREIO PAULISTANO, 1872, ed. 1808, p. 2). Sua presença na corte é atestada pelo *Almanaque Laemmert*, onde consta como um dos médicos da Irmandade de São Francisco de Paula, (ALMANAK ADMIINISTRATIVO, 1879, ed. 36, p. 296). Não localizamos dados que indiquem onde ele atendeu no período em que permaneceu na Corte, ou mesmo referência a outras atividades exercidas no período. Já com experiência acumulada por anos de profissão, ele deixou nova-



mente a Corte, em 1881, e foi clinicar em S. José do Rio Preto das Três Ilhas, cidade mineira próxima ao Rio de Janeiro:

Com 33 anos de clínica médica no Brasil (...) durante um ano reside atualmente nesse município em S. José do rio preto das três ilhas, onde recebe chamados dos senhores fazendeiros e mais pessoas que que se dignarem honrá-lo com confiança (O PHAROL, ed. 38, 4 abr., 1882, p. 2)

610

Em 1883, Eloy Ottoni passa a atender em Juiz de Fora. Já àquela altura gozava de algum prestígio. Uma nota anônima em edição *d'O Pharol* parabenizava a cidade por receber tão “ilustrado médico”. Embora inspirada por uma “sincera amizade”, tais palavras repetiam a opinião de todos aqueles que tiveram a oportunidade de conviver com o “ilustrado mineiro”, irmão daquele “vulto” que iluminava a história do país, Theóphilo Ottoni (ed. 48, 1 maio 1883, p. 1). Como se vê, a nota laudatória remete às qualidades do médico, mas também ao fato de ele fazer parte da família Ottoni. Pode-se presumir que parte do reconhecimento do médico provinha dessa origem familiar, mas outra parte de sua atuação clínica em várias cidades e a experiência de mais de 30 anos de profissão.

Para além da clínica

Apesar de a atividade clínica ser preponderante na trajetória de Eloy Ottoni, ele teve outras oportunidades de obtenção de prestígio. Uma delas diz respeito ao convite que recebeu por parte da delegação argentina para “arrancar da morte milhares de vítimas da febre amarela” (IMPRENSA ACADÊMICA, n. 1, 30 abr. 1871, p. 2).

Naquele período, a febre amarela assolava a população da Argen-



tina, em especial Buenos Aires, que contava com um sistema de saúde precário (LAZZARINO, 2021). Diante das alarmantes notícias sobre a febre a doença, o ministro Argentino resolveu contratar alguns facultativos, que em virtude de suas experiências com epidemias, iriam prestar seus serviços na Argentina. Em 1871, partiu do Brasil o vapor *Isabel*, levando médicos e enfermeiros do Brasil, dentre eles os doutores Eloy Benedicto Ottoni, Climaco Barbosa, Antonio Joaquín da Silva Leao e Policarpo Cesario de Barros (MEMORIA PRESENTADA POR EL MINISTRO DE ESTADO EN EL DEPARTAMENTO DEL INTERIOR AL CONGRESO NACIONAL, 1871, p. 7-8).

Entretanto, o episódio se revelou frustrante para Eloy Ottoni, demais médicos e profissionais de saúde que integraram a comitiva. Por decisão do Ministro argentino Varella, com a justificativa de que a febre amarela começava a declinar, foi determinado o retorno do vapor ao Brasil, “sem desembarcar em Buenos Ayres e sem comunicar com a terra”. A situação vexatória gerada por esse fato levou os médicos brasileiros a redigirem um ofício no qual manifestavam indignação, principalmente por terem sido submetidos a ficarem por cinco dias no vapor em uma “atmosfera úmida e fria” (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 16 mai. 1871, ed. 01685, p. 2-3). Tal fato, possivelmente rendeu dissabores a Eloy Ottoni, ainda mais porque quando retornou a São Paulo se viu às voltas com a espinhosa questão do recebimento de honorários. Talvez esses eventos tenham exercido influência para seu retorno à Corte, embora a documentação nada informe a respeito.

Embora não tenha obtido sucesso na missão à Argentina, Eloy Ottoni procurou se distinguir dos médicos que se distanciavam da elite médica do Império e que se restringiam, em sua maior parte, a realizar consultas (DANTAS, 2017). Uma dessas formas era a publicação de estudos acadêmicos. Muitos médicos se valeram tanto da imprensa leiga



quanto da acadêmica para divulgar suas ideias (PROENÇA, 2021, p. 135-137; FERREIRA, 1999).

Eloy Ottoni escreveu alguns estudos que envolviam as faculdades mentais: *Breve notícia de um trabalho do Dr. Magnan sobre alcool e absinthio. Nova hypothese sobre a hallucinação pelo dr. Eloy Ottoni* (1872) e *Mecanismo das faculdades intellectuaes pelo Dr. Poincaré.. traduzido e commentado pelo Dr. Eloy Ottoni* (1884), obras às quais infelizmente não tivemos acesso ou referências sobre sua localização. A essas obras soma-se o artigo publicado na *Revista do Instituto Acadêmico*.⁴ Nele, Eloy Ottoni dedicou o tema a um estudo sobre a sífilis, intitulado “Duas observações importantes de syphilis visceral, precedidas de considerações geraes sobre a syphilis em S. Paulo”.

Além de imputar a existência da sífilis às prostitutas clandestinas, 612 associava as causas da enfermidade com o sistema de latrinas composto de poços onde se depositavam as fezes, o hidrogênio fosforado e o gás sulfídrico e outras exalações; e a ausência quase completa de polícia sanitária. O artigo traz várias observações de casos clínicos tratados pelo médico quando ainda residia em São Paulo. Um dos casos citados foi o que envolvia as controvérsias com o dr. Câmara sobre o diagnóstico da doença que padecia a enteada do sr. Galvão, repisando uma questão já debatida nos jornais, conforme exposto anteriormente. O outro caso clínico era de um homem, Antônio José de Oliveira, com 60 anos de idade (OTTONI, 1868).

O artigo apresentado era um pré-requisito para ingressar como membro no Instituto Acadêmico, conforme se evidencia no parecer dado à sua memória por Antônio Teixeira de Souza Alves e Vicente

⁴ Há poucos estudos sobre essa instituição. A Sociedade Instituto Acadêmico foi associação com finalidades científicas, formada pelos estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (EDLER, 2011, p. 204-205).



Cypnano da Maia: o “Instituto Acadêmico exige como prova de capacidade para obter o título de membro honorário, algum trabalho que recomende o candidato” (ALVES; MAIA, 1868, p. 35). Afora esse parecer, o artigo de Eloy Ottoni não teve repercussão no meio médico pelo que foi possível constatar. De todo modo, ele nos é útil para demonstrar o papel que as observações clínicas assumiam naquele contexto. Chama atenção o fato de que o Dr. Ernesto Benedicto Ottoni, irmão mais velho, também era sócio honorário do Instituto, publicando três trabalhos no periódico da agremiação.

Como pode-se perceber, a clínica acabou sendo a principal atividade de Eloy Ottoni, que voltou a viver na Província de Minas na década de 1880.

Além da clínica, envidou-se no mundo da política. Segundo um de seus biógrafos, foi defensor do abolicionismo e comungava com o ideário republicano, tema sobre o qual escreveu em jornais mineiros (BLAKE, 1883, p. 257), posteriormente reunidos no livro *Crenças políticas* (1891). Chegou a ser candidato a deputado por Minas Gerais, em 1890, mas a candidatura não logrou sucesso. Esses aspectos nos interessam apenas para mostrar que Eloy Ottoni, a exemplo de outros médicos, não se restringiu a assuntos de seu ofício. Nessa época encontrava-se “infestado de moléstia incurável e quase paralítico”, mas conservava ainda “aquelas crenças políticas” que haveria de levar para a “fria sepultura” (SENNA, 1905, p. 191-192). Falecera em 1905, sendo enterrado no Rio de Janeiro. Pode-se dizer que sua memória se perpetuou no século XX, como um dos “serranos ilustres”. Conforme um artigo no jornal *Sentinela do Serro*, na região nasceram diversos filhos que prestaram serviços ao país, dentre eles José Eloy Ottoni, Theóphilo Ottoni, Cristiano Ottoni e Eloy Benedicto Ottoni (GRANDE ASPIRAÇÃO, n. 1, 1 jun. 1927, p. 1).

Considerações finais

Retomando as questões propostas no início deste artigo, quanto à relação entre o capital escolar e científico e os demais princípios de legitimação que adivinham da origem e posição social, é plausível afirmar que na carreira médica de Eloy Ottoni, atuaram tanto as estratégias decorrentes de sua formação, quanto a influência da sua origem. Embora a documentação analisada não nos ofereça muitos elementos a esse respeito, não se pode deixar de observar que o médico era tido como um dos “serranos ilustres” e seu nome aparece em certas ocasiões associado ao nome de Theóphilo Ottoni. Além disso, o fato de seu irmão Ernesto Benedicto Ottoni exercer a medicina em São Paulo e participar do Instituto Acadêmico permitem essa hipótese.

614 No que concerne à compreensão de sua carreira médica, o contexto em que ele se encontrava era o de um mercado médico extremamente disputado, tanto com os ofícios de curar não legitimados, quanto com os demais médicos. Não foi ao acaso que Eloy Ottoni se envolveu em um conflito com um médico em São Paulo. Naquele episódio, é possível observar a influência que as relações pessoais exerciam sobre os clientes, razão pela qual o dr. Moura conseguiu retomar o tratamento da paciente. O próprio dr. Ottoni parece ter se valido dessas relações de proximidade, quando atuou no vale do Paraíba, na região do Rio de Janeiro, atendendo a fazendeiros e demais pessoas da região.

No que diz respeito à sua inserção social, sua trajetória, distante das grandes biografias de médicos do Império, aproxima-se mais dos “médicos menores” (DANTAS, 2017). Embora tenha buscado e tido a oportunidade de se inserir em outras atividades – participando da comissão médica do Brasil de auxílio à Argentina e como membro da



Sociedade Instituto Acadêmico – a clínica foi sua principal forma de atuação e de obter rendimentos. Tal aspecto o aproxima do grupo dos médicos que se situavam em um patamar abaixo da elite médica do Império.

Por fim, não se pode deixar de considerar o papel que a análise das carreiras médicas contribui para iluminar os meandros da prática médica mais ao rés do chão, fornecendo uma perspectiva mais realista das práticas científicas (FIGUEIRÔA, 2007, p. 9), permitindo contemplar os fatores inerentes ao exercício da medicina no século XIX, e aqueles que atuaram de forma particular, nas trajetórias desses indivíduos.

Referências

- ABANDONO de um pleito que se arrastou por 5 anos. *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 04704, 1872.
- 615
- ALMANAK administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro, e indicador. Brasil: [s.p.], 1851.
- BARROUX, Gilles. La relation médecin-patient dans les consultations épistolaires (XVIIe-XVIIIe siècles), *Med Sci* (Paris), v. 30, n. 3, p. 311-318, mars 2014.
- BASCHIN, M; DIETRICH-DAUM, E; RITZMANN, I. Doctors and Their Patients in the Seventeenth to Nineteenth Centuries. *Clio Med.* 2016, n. 96, p.39-70, 2016.
- BOSI, Antônio de Pádua. Médicos e farmacêuticos em Uberabinha (1890-1920): conflitos e disputas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 1037-1049, jul.-set. 2007.
- CHRISTINE, L. Biographie et archives. Un cas de figure: Paul Rivet. In: *Gradhiva: revue d'histoire et d'archives de l'anthropologie*, n.

COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: Medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CORADINI, Odaci L.. Grandes famílias e elite ‘profissional’ na medicina no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 3, n. 3, p. 425–466, nov. 1996.

COSTA, Júlio. Um esculápio brasileiro ignorado: contributo para um itinerário biográfico de Francisco Joaquim De Azeredo (1768-1855). *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, a. 178 (477): 15-44, maio/ago. 2018. Disponível em: https://drive.google.com/open?id=1aFO06YBTKFVr4j_sU-qRyej3kMPyE6_m.

DANTAS, Rodrigo Aragão. *As transformações no ofício médico no Rio de Janeiro: um estudo através dos médicos ordinários (1840-1889)*.
616 Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

DESPEDIDA. *Correio Paulistano*, São Paulo, ed. 1808, 1872.

DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, 1 jan. 1870, ed. 1305, p. 1.

DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo, n. 469, 8 mar. 1867.

DUARTE, Regina Horta. Olhares estrangeiros: viajantes no vale do rio Mucuri. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, p. 267-288, 2002.

EDLER, Flavio Coelho. *Ensino e profissão médica na corte de Pedro II*. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2014.

FERREIRA, Luiz Otávio. João Vicente Torres Homem: descrição da carreira médica no século XIX. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 57-78, 1994.

FIGUEIREDO, Betânia G. *A arte de curar. cirurgiões, médicos, boticá-*

- rios e curandeiros no século XIX em Minas Gerais Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 2002.
- GONDRA, J. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte Imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- GRANDE aspiração. *Sentinela do Serro*, Serro, n. 1, 1 jun. 1927.
- KABA, R.; SOORIAKUMARAN, P. The evolution of the doctor-patient relationship. *International Journal of Surgery*. n. 5, v. 1, p. 57-65, 2007.
- LAEMMERT, Eduardo. *Almanak Administrativo, Mercantil E Industrial Da Corte Provincia Do Rio De Janeiro*. Brasil: Laemmert, 1853.
- LAZZARINO, Carlos. Epidemia de fiebre amarilla en la ciudad de Buenos Aires en 1871. *Revista Argentina de Salud Pública*, Buenos Aires, v. 13, p. 221-230, feb. 2021. Disponible em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-810X2021000100221&lng=es&nrm=iso. Acessado en: 03 jul. 2024. 617
- MEMORIA PRESENTADA POR EL MINISTRO DE ESTADO EN EL DEPARTAMENTO DEL INTERIOR AL CONGRESO NACIONAL de 1871. Imprenta Americana, Calle do San Martin, 1871.
- NOGUEIRA, A., & PIMENTEL FRANCO, S. Carreira médica, prestígio e práticas de sociabilidade no oitocentos: o caso do dr. Ernesto Mendo (Espírito Santo, 1860-1895). *Fênix – Revista De História e Estudos Culturais*, n. 18, v. 2, p. 319-338. <https://doi.org/10.35355/revistafenix.v18i2.1017>.
- O DR. CÂMERA a seus colegas e ao público de S.P. *Diário de São Paulo*, São Paulo, n. 641, 6 out. 1867.
- O DR. CÂMERA. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 15 abr. 1873, ed.

O DR. ELOY ao público e ao Sr. Galvão, *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 363519, jul. 1868.

O *ITAMONTANO*: Periódico Politico, Industrial e Litterario de Minas Geraes (MG) –1848 a 1851, ed. 131).

OS POBRES de Santa Efigênia. *Correio Paulistano*, São Paulo, [s.n.], 1872.

OTTONI, Eloy Benedicto. *Breves considerações sobre o calor animal no homem*. 1848. 7 F. Tese (Doutorado Em Medicina) - Faculdade De Medicina Do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro, 1848.

OTTONI, Eloy. Duas observações importantes de syphilis visceral, precedidas de considerações geraes sobre a syphilis em S. Paulo. *Revista do Instituto Acadêmico*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 13-35, out. 1868.

618 Partida. Imprensa Acadêmica. *Jornal dos estudantes de S. Paulo*, São Paulo, n. 1, 30 abr. 1871.

PIMENTA, Tânia S. Médicos e cirurgiões nas primeiras décadas do século XIX no Brasil. *Almanack*, n. 22, p. 88-119, maio 2019.

PROENÇA, Anne Thereza de Almeida. A presença dos médicos no Vale do Paraíba fluminense do século XIX: personagens e espaços de análise. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 14, n. 2, p. 120-143, jul./dez. 2021.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves do. *Diccionario bibliographico brasileiro pelo doutor Augusto Victorino Alves Sacramento Blake*. Brasil: Typographia nacional, 1893.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001.

TRIBUTO de Gratidão. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 29 dez. 1869,